

# A produção em Estudos Amazônicos em instituições de três países: Brasil, Colômbia e Equador (Paper 585)



*Carlos Potiara Castro*<sup>1</sup>

## RESUMO

Os estudos amazônicos se consolidam enquanto campo de interesse particular a partir, sobretudo, da década de 1970, com a estruturação de instituições e corpos de pesquisadores e pesquisadoras dedicados ao trabalho sistemático nessa área, em vários países da região amazônica. O estudo aqui apresentado visa satisfazer à necessidade de se conhecer a ciência que se faz sobre a Amazônia, em seus aspectos quantitativos. Foram estudadas três instituições de três países diferentes que possuem floresta amazônica em seu território, sobretudo nos períodos das décadas de 2000 e 2010. Os resultados são oriundos de viagem de trabalho de campo e permitiram retratar, através das visitas in loco e entrevistas realizadas, as experiências acadêmicas das instituições de ensino superior visitadas. Os resultados mostram uma convergência de temáticas, interesses e a formação de grupos de pesquisa que atuam de forma paralela. O artigo indica a necessidade de novos estudos e de fortalecimento de experiências anteriores já existentes de cooperação científica.

**Palavras-chave:** Produção intelectual. Pan-Amazônia. Estudos amazônicos. Ciência. Institutos de pesquisa.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará. E-mail: carlospotiara@gmail.com

## **ABSTRACT**

Amazonian studies have been consolidated as a field of particular interest since the 1970s, with the establishment of institutions and research groups dedicated to systematic work in this area in several countries in the Amazon region. The study presented here aims to meet the need for knowledge of the quantitative aspects of the science being done on the Amazon. Three institutions from three different countries with Amazon rainforests in their territory were studied, especially in the 2000s and 2010s. The results come from a field trip and allowed us to portray, through on-site visits and interviews, the academic experiences of the higher education institutions visited. The results show a convergence of themes, interests and the formation of research groups that work in parallel. The article indicates the need for new studies and the strengthening of previous experiences of scientific cooperation.

**Keywords:** Intellectual production. Pan-Amazon. Amazonian studies. Science. Research institutes.

## INTRODUÇÃO

A Amazônia se torna um objeto de interesse bastante particular dentro das ciências humanas e sociais, principalmente a partir das três últimas décadas do século passado. Este é o período que coincide com dois movimentos importantes para aquilo que chamaremos, aqui neste texto introdutório, de campo dos estudos amazônicos. O primeiro é o da história da consolidação das estruturas científicas nacionais em países do Sul Global. Isso é oriundo de políticas estratégicas dos países em desenvolvimento, algo que ocorre de forma recorrente ao redor do mundo e vai permitir que se tenha uma produção acadêmica sólida e continuada sobre a região amazônica em várias regiões. O segundo movimento, mais complexo, é a da consolidação dos vetores do desmatamento da floresta amazônica, que se empoderam, ao longo do tempo, mesmo após o fim da ditadura militar. Vemos, portanto, a consequente destruição da floresta, processo elaborado intelectualmente em sua maior parte e implementado no período militar, que se torna autonomizado pela imensa disponibilidade de recursos financeiros oriundos de fundos públicos, pela construção de uma narrativa agro capitaneada pela mídia corporativa patronal, pela organização e estruturação, com apoio ativo dos três poderes, de esquema, eivado de corrupção, de privatização de terras públicas.

A institucionalização e a expansão de instituições de pesquisa e de ensino superior, sobretudo federais, assim como a criação de burocracias voltadas para gerenciar a ciência nacional, criaram um cenário em que vemos surgir um corpo de pesquisadores e pesquisadoras que passam a produzir trabalhos acadêmicos de forma continuada e sistematizada, de qualidade aumentada ao longo do tempo. É um momento histórico de uma ciência nacional em consolidação (com paralelo em outros países do Sul Global), portanto, que vai legar uma produção de trabalhos regular e com critérios crescentemente elaborados de cientificidade.

O objeto de estudo de alguns dos pesquisadores dessas instituições – a Amazônia – sofre nesse período histórico um início de transformação acelerado, sob o ímpeto de um modelo de desenvolvimento desenhado pelo planejamento de estado dos governos militares. Criminoso, ele previa a substituição da população e da mata nativa por outra. No documento conhecido como 2º Plano Nacional de Desenvolvimento, de 1974, encontramos as principais diretrizes que ajudarão a tornar autônomo o processo de destruição e transformação da Bacia Amazônica, em termos de *outputs*, de formação de pasto e produção de gado, de madeira nativa extraída, de especialização econômica sub-regional para responder aos objetivos nacionalizados de uma economia sudestina, de outra bacia, a do Prata.

A destruição da floresta e dos modos de vida das pessoas que ali vivem, as políticas de desenvolvimento, os grandes projetos econômicos e de infraestrutura, a formação de latifúndios e os planos de assentamentos conformam, de certo modo, as grandes temáticas dos estudos amazônicos, desde seu princípio. Elas são o resultado de decisões políticas e implementadas pelo estado nacional. É, portanto, um campo de estudo que possui uma especificidade dentro das humanidades e das ciências sociais, para além da questão regional.

Este artigo busca trazer alguns elementos da formação desse campo, reportando-se a três exemplos institucionais, no Brasil, na Colômbia e no Equador. Intenta-se, dessa forma, apoiar as atividades de reflexão e discussão didática em sala de aula.

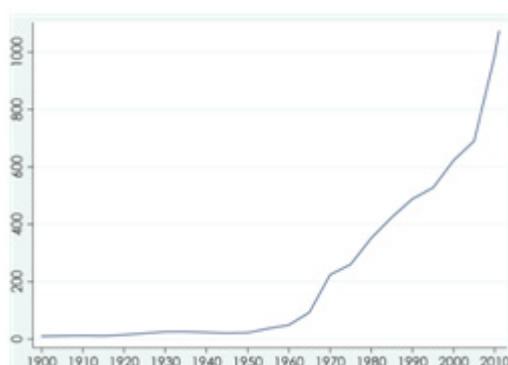
## A CONSOLIDAÇÃO DAS ESTRUTURAS CIENTÍFICAS NACIONAIS E OS ESTUDOS AMAZÔNICOS

Um dos traços mais marcantes das sociedades contemporâneas é seu caráter científico e tecnológico. O advento da ciência enquanto atividade de pesquisa sistemática e elemento que se torna central na civilização é um fenômeno relativamente recente. É evidente que a ciência antiga forneceu a base para a ciência moderna, mas algo ocorreu a partir da revolução industrial. No século retrasado, esse fenômeno se torna intenso, ao ponto de vermos um número expressivo de aspectos do universo humano passar a receber uma nova atenção da ciência, criando sistemas sócio-tecnológicos em que se observou uma coevolução dos conhecimentos e da adaptação da sociedade ao seu uso (Carvalho, 2014, p. 26; Ruotsalainen *et al.*, 2017, p. 237).

Em nível mundial, o crescimento em importância da ciência e da tecnologia marca todo o século XX em diante. Entre 1950 e 1990, por exemplo, 146 países estabeleceram estruturas centrais para gerenciar os esforços nacionais de gestão de ciência e tecnologia (Jang, 2000: 248), na maior parte na forma de ministérios. Outro dado mostra que, em 1990, mais da metade de todos os países destinava pelo menos 0,5% do Produto Nacional Bruto para a área científica e cerca de 30% deles gastava mais que 1,0% (Unesco, 1995).

O Gráfico 1 dá uma dimensão do crescimento da produção científica e tecnológica no mundo, tomando como variável a geração de artigos publicados em revistas indexadas internacionalmente, que é uma das formas de computar essa evolução. O crescimento geométrico da produção científica desde o século XVII já tinha sido apontado por Derek de Solla Price, mas tudo se acelera a partir de meados do século passado, quando passa a publicar a cada nove anos (Bornmman e Mutz, 2015).

Gráfico 1. Publicação de artigos científicos por ano em milhares, entre 1900 e 2011



Fonte: Zhang, 2015, p. 47.

O conhecimento acumulado na academia sobre a região amazônica faz parte da história das instituições de ciência e tecnologia do país, em particular as públicas. É relevante, portanto, ao nosso objeto, se referir a essas organizações e especificamente à sua expansão – de capacidades e de destinação. As instituições de ensino superior, de ciência e de tecnologia viveram um forte crescimento no período posterior à Segunda Grande Guerra, em um processo histórico simétrico ao que se verificou em outros países do Sul Global. É um fenômeno que guarda uma íntima relação com a transformação dos estados nacionais, das

sociedades compreendidas de uma forma ampla, do surgimento das grandes corporações transnacionais, e, sobretudo, com o novo tipo de capitalismo do período.

Será dentro de um largo processo de modificações estruturais do estado, que o Brasil desenvolverá o seu sistema nacional de ensino superior e de pesquisa, tal como o conhecemos hoje, para além das experiências pioneiras como a da Universidade de São Paulo no Sudeste ou do Museu Emílio Goeldi, na Amazônia. Isso ocorre através da alocação de investimentos, que se tornam mais importantes a partir da década de 1970. Instituições públicas, como, por exemplo, a Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP que “aos poucos vai assumindo a função estratégica (...) de apoiar vigorosamente os principais centros de ensino e pesquisa da pós-graduação” (Figueiredo, 1988: 40), ajudam fortemente na consolidação de áreas de estudo, como das ciências sociais, no país.

O Gráfico 2 abaixo mostra os resultados, ao longo de duas décadas, de políticas públicas de fomento à pesquisa no Brasil, baseando-se no número total de artigos publicados. Os dados não mostram o número de citações, mas dão uma ideia do panorama de crescimento e consolidação da ciência brasileira. Um cientista que trabalhava com sua equipe no início dos anos 1980 na rodovia Transamazônica operava, certamente, em um cenário muito diverso daquele que temos atualmente.

Gráfico 2. Produção científica brasileira, entre 1981 e 2004, participação em relação à América Latina e ao resto do mundo

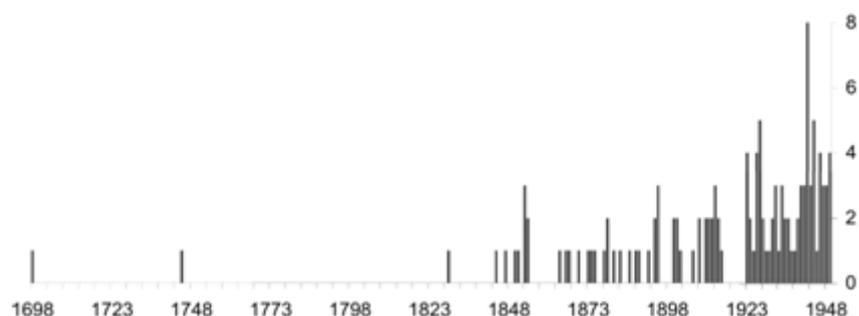


Fonte: CNPq, 2005 *apud* Neves, 2007.

Cabe ressaltar, entretanto, que a produção em geral sobre a região amazônica não é numerosa e nem abundante em um primeiro momento. É o que mostra a pesquisa realizada em uma biblioteca de referência em estudos latino-americanos, a Coleção Benson da Universidade do Texas em Austin. Dela se infere o interesse parcial de autores das humanidades e das ciências sociais pela região. Foram apenas 127 livros publicados entre 1698 e 1948 sobre a região, como mostra o gráfico abaixo.

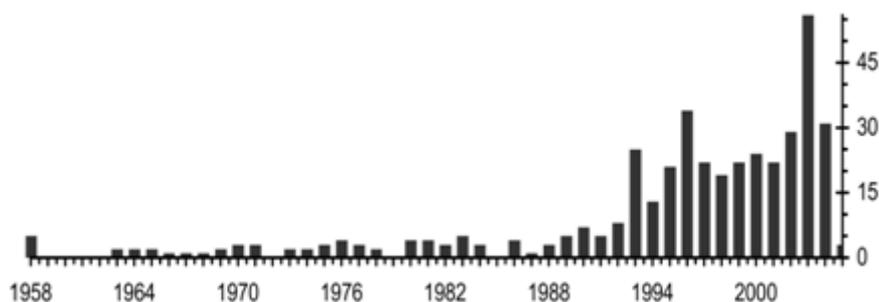
Há um aumento posterior considerável no número de publicações sobre a região amazônica, seguindo a tendência geral da produção acadêmica. Entretanto, ainda não é uma temática que pode ser catalogada como de uma corrente dominante. Os dados no gráfico abaixo, baseados em informações de um indexador internacional, mostram uma produção pausada, que se espalha ao longo de anos, antes de viver um surgimento de novas pesquisas, o que ocorre por volta do início da década de 1990.

Gráfico 3. Publicações sobre a Amazônia por ano, entre 1698 e 1948, na Coleção Benson



Fonte: Castro, 2011: 230.

Gráfico 4. Artigos científicos sobre a Amazônia dos anos 1958 a 2005, computados no indexador Sociological Abstracts



Fonte: Castro, 2011, p. 230.

Os dados até agora apresentados visam contextualizar o surgimento dos estudos amazônicos enquanto campo prospectivo, mostrando o momento histórico em que isso ocorre, com vistas a nos permitir sua interpretação.

## CIÊNCIA PIONEIRA E PERCEPÇÕES LOCAIS

Um assunto relevante que cabe indagar é sobre como a implementação de políticas de ensino superior, ciência e tecnologia pelo governo federal era vista localmente na Amazônia, ao longo do século XX. Um autor que trabalhou com esses aspectos foi Francisco de Assis da Costa, do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará.

Ele informa que as demandas pelo desenvolvimento de estruturas científicas não foram feitas por membros das elites locais, mas surgiram de necessidades de políticas de modernização da sociedade, através de políticas de estado. Essas elites não viam função na pesquisa e no pensamento, já que buscavam apenas a reprodução de estruturas produtivas estabelecidas, de característica servil.

Ainda no período da borracha, as elites locais, formadas pelos proprietários dos seringais e dos meios de produção de outras indústrias de tipo extrativa, não viam de forma simpática os processos de modernização da sociedade. Costa afirma, por exemplo, que:

As primeiras aproximações das oligarquias regionais amazônicas com a ciência têm motivações simbólicas. Foi seu anseio em apresentar-se (ao

Brasil e ao Mundo) com traços cosméticos de refinamento pela exibição de aparelhos culturais (como o Teatro da Paz, o Teatro Amazonas), que levou à formação do aparato de ciência que veio a ser o MPEG [Museu Paraense Emílio Goeldi]. As relações que mantiveram com sua criação – e os sujeitos que lhe davam feição e forças: os naturalistas – foram, contudo, puramente platônicas, não muito diferentes das relações que mantiveram com as estrelas da arte lírica europeia que desfilaram em seus teatros: distanciada reverência, velada indiferença resultante de absoluta, porém nunca revelada, incompreensão (Costa, 1998: 112). Em relação ao IPEAN (atual Embrapa), o mesmo problema é detectado por Felisberto Camargo, seu fundador, que, além do mais, informa-nos de uma disposição anticientífica nas oligarquias locais, apegadas que eram, na sua opinião, a soluções de emergência para o salvamento das explorações extrativas ao ponto que ‘... tentaram derrubar todas as paredes de qualquer obra de ciência pura...’ (Camargo, 1948: 5 *apud* Costa, 1998: 114).

O autor indica de forma cristalina em seu trabalho que as estruturas nacionais de ciência e tecnologia teriam deficiências por não se adequarem a uma realidade complexa e em ajudar a definir outras vias de desenvolvimento. No balanço que realiza, ele coloca as universidades federais como as instituições mais importantes no conjunto do sistema de ensino superior, pesquisa e desenvolvimento tecnológico, do ponto de vista da produção:

“Considerada a densidade absoluta de cada conjunto de instituições e a qualidade intrínseca de seus quadros, tem-se que o aparato de produção de saber expandiu-se em sua capacidade aproximadamente 4% ao ano entre 1989 e 1995. No final do período, sua potência assenta-se nas universidades federais em mais de 50%, nas unidades do Sistema Federal de Pesquisa Agropecuária em 19% e nos institutos federais de pesquisa na região em 18%” (*Ibid.*, p. 31).

Costa chega a conclusões que indicam que existe um distanciamento entre a produção de ciência e tecnologia na Amazônia e sua adequação às demandas sociais da região. E se questiona se, porventura, um dos problemas da ciência sobre a Amazônia não seria relativo à ausência de paradigmas que interpretem de forma mais abrangente os problemas que são, portanto, observados localmente. A crise dos paradigmas para a interpretação da Amazônia é um assunto corrente, que vemos surgir com frequência no campo dos estudos amazônicos. Mas o investimento na ciência sempre foi visto como uma das melhores soluções para se encontrar saídas para os problemas amazônicos. Por esse motivo, sempre houve demandas por investimentos nesse campo pela comunidade acadêmica e partes significativas da sociedade.

## **A PRODUÇÃO EM ESTUDOS AMAZÔNICOS EM TRÊS DIFERENTES CENTROS DE PESQUISA**

Apresentaremos abaixo um breve histórico da produção acadêmica sobre a região amazônica, gerada em três instituições de três diferentes países da América Latina. Trata-se de uma pesquisa anterior em que foi feita uma coleta de material, contando inclusive com duas viagens de campo para o exterior. O material apresentado é uma parte do que foi coletado para leitura e classificação, incluindo artigos publicados, livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado já defendidas. Foram realizadas entrevistas com uma

parte dos pesquisadores desses institutos para complementar as informações buscadas. E o período compreendido nesse levantamento se estende entre 1981 e 2007.

Os três centros de pesquisa são os seguintes: a Universidade Nacional de Colômbia, sede Amazônia (UNAL); a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, sede Equador (FLACSO); e o Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da Universidade Nacional de Brasília.

A diferença temporal de produção impulsionada pelos programas de pós-graduação entre os três institutos é de cerca de uma década. Em 2006, o curso de doutorado da FLACSO foi iniciado e as primeiras dissertações em Estudos Amazônicos da UNAL estavam sendo defendidas. Já o programa de doutorado do CDS data de 1996.

### **Universidade Nacional de Colômbia, sede Amazônia**

A maior universidade pública colombiana surge logo após o período de independência das colônias espanholas na América. O governo da Grande Colômbia organiza a Universidade Central da República com sedes em Bogotá, Quito e Caracas, já em 1826. Essa instituição é a antecessora da Universidade Nacional da Colômbia, que foi refundada em 1867. Ao longo das décadas, a instituição se fortalece, em particular com a criação de um grande e bonito campus em Bogotá, onde são reunidas as diferentes faculdades. Os primeiros cursos de mestrado da instituição são criados entre 1967 e 1973 e, em 1986, surgem os primeiros programas de doutorado, na área de ciências exatas. A instituição é responsável hoje por uma parte majoritária dos programas de pós-graduação *stricto sensu* na Colômbia.

A Universidade Nacional da Colômbia, sede Amazônia, surgiu em 1989, na cidade de Letícia, como uma Estação Científica da universidade que tinha por objetivo receber e dar apoio a pesquisadores – sobretudo das ciências naturais – em suas viagens de campo para a região amazônica. Para essa sede, foram apontados dois pesquisadores permanentes da área de biologia para organizar a estrutura da estação e fazer a ligação com a sede principal da universidade, em Bogotá.

Coincidindo em parte com a formação da estação científica, em 1994 foi executada uma política de expansão da universidade, com foco em *campi* de fronteira, sustentada em uma visão geopolítica trazida pela nova constituição do país. As outras sedes de fronteira foram instaladas no mar do Caribe – na ilha de San Andrés –; na Orinóquia – o cerrado do nordeste colombiano, na fronteira com a Venezuela e, em Tumaco, no pacífico sul, na região fronteira com o Equador.

Transformada a estação em uma sede, foram realizados concursos para a formação do quadro permanente de pesquisadores e professores e, no ano seguinte, foi criada a primeira unidade acadêmica da nova sede, o Instituto de Pesquisas Amazônicas – o IMANI. O primeiro curso de graduação na unidade foi iniciado em 2000, na área de linguística, em associação com a sede de Bogotá, ao que se seguiram outros cursos.

No ano seguinte, foi criado o Mestrado em Estudos Amazônicos, interdisciplinar, voltado para profissionais das áreas de ciências naturais e sociais. O doutorado segue na próxima década.

A pós-graduação conta com três linhas de pesquisa. A primeira, “Desenvolvimento regional na Amazônia”, agrupa os/as pesquisadores/as que trabalham com sociologia do desenvolvimento, geografia política, direito, administração pública, economia, entre outras. Essa linha de pesquisa se propõe a discutir o conceito de desenvolvimento e sua especificidade amazônica. A segunda linha é de “Histórias e culturas amazônicas”, tem

por foco as populações amazônicas, dos vários povos indígenas da região, mas também de populações urbanas, os novos bairros de imigrantes, de grupos transfronteiriços e de colonos. E a terceira linha de pesquisa, “Ecossistemas, biodiversidade e conservação”, abarca objetos de estudo da área de ciências naturais.

Tabela 1. Produção em estudos amazônicos, por tipo e por instituição, com totalizações e percentuais, entre 1981 e 2007

Tipo de Produção	CDS / UnB		FLACSO / EQ		IMANI / UNAL		Total	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Artigo	56	26,17	35	30,43	60	44,12	151	32,47
Capítulo	56	26,17	21	18,26	38	27,94	115	24,73
Livro	28	13,08	16	13,91	24	17,65	68	14,62
Dissertação	55	25,7	43	37,39	14	10,29	112	24,09
Teses	19	8,88	-	-	-	-	19	4,09
Total	214	100,0	115	100,0	136	100,0	465	100,0

Fonte: Dados de pesquisa.

Uma questão relevante apontada por alguns professores do Imani entrevistados é de fundo epistemológico. É um debate retratado em questionamentos sobre a escassez de conteúdos disciplinares voltados especificamente para interpretar a região amazônica. A discussão interna se dá no nível de uma crítica ao eurocentrismo nas humanidades, que nos remete ao mesmo tipo de percepção que encontramos quando conversamos com professores de outras instituições. Germán Palácio indaga, por exemplo: “por que nós, no estado do Amazonas, devemos fazer história medieval que normalmente é história rural e eventualmente parte de história urbana europeia? Ou seja, são conceitos que finalmente fazem parte dos critérios eurocêntricos que qualquer historiador ‘tem’ que saber”.

## A Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais

A Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais nasce em 1957 a partir de um acordo multilateral assinado no Rio de Janeiro sob os auspícios da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, a Unesco. Em sua origem, tem por objetivo servir de espaço de reflexão sobre o desenvolvimento das sociedades latino-americanas e de oferecer cursos de pós-graduação. A sede acadêmica da Flacso do Equador, em Quito, data de 1975 e possui cursos nas áreas de ciências sociais e de economia. A sede da Flacso do Equador é a unidade da instituição (são 13 sedes) que parece ser a mais prestigiosa, com amplo reconhecimento internacional.

A partir dos anos 1980, a instituição passa a oferecer opções de formação para alunos destinados à carreira acadêmica e às carreiras de estado, campos que precisavam ser desenvolvidos no país. O caráter plurinacional dos cursos é incentivado, em esforço de compreensão do espaço regional e de teorização sobre o desenvolvimento e a sociedade.

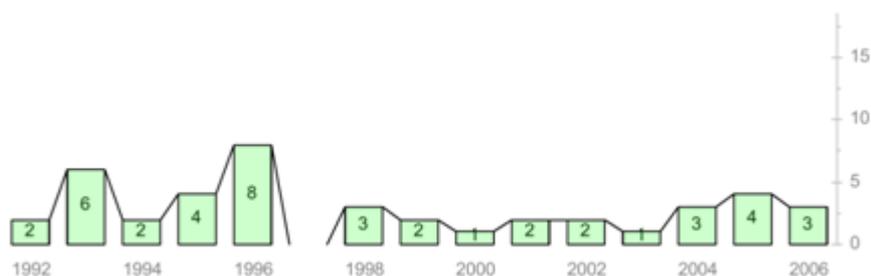
A FLACSO possui várias linhas de pesquisa nos seus programas de pós-graduação: Estudos socioambientais, Economia do desenvolvimento, Estudos políticos (Relações internacionais, Ciência política), Políticas públicas, Desenvolvimento territorial, além de História, Sociologia e Antropologia. É relevante ressaltar que a área de estudos socioambientais da Flacso se inicia através de uma Especialização (Diplomado) em Estudos Amazônicos. A Fundação Ford desempenhou uma importante função de indução ao desenvolvimento dessa linha de pesquisa em seu início. Docentes brasileiros deram aula nessa primeira turma, na qual estudou um dos docentes atuais do Imani, o professor Carlos Zárate.

Três anos depois, foi organizado seu Mestrado em Estudos Amazônicos, que foi frequentado por alunos de praticamente todos os países da região amazônica. As temáticas tratadas eram diversas, indo da história de ocupação e exploração dos recursos naturais até o estudo dos impactos da indústria petrolífera em comunidades indígenas. Vários desses egressos se tornaram docentes posteriormente ou fizeram carreira no serviço público.

O mestrado em estudos amazônicos foi interrompido por causa de uma crise financeira interna, que acarretou o cancelamento de uma série de projetos. Essa crise durou três anos e, quando foi superada, permitiu a retomada dos projetos de estudos em ambiente. Quando o grupo de professores envolvidos no programa de mestrado redefiniu as linhas de pesquisa, ele passou a se chamar Estudos Ambientais e posteriormente Estudos Socioambientais. A mudança foi impulsionada pela necessidade de abertura das pesquisas para novas regiões e para responder a uma nova demanda criada pela implantação de uma série de secretarias e outras estruturas institucionais de estado.

O gráfico abaixo mostra a evolução da produção de dissertações de mestrado com temáticas relativas à região amazônica, produzidas no programa de pós-graduação da FLACSO, entre os anos de 1992 e 2006. Incluindo as primeiras dissertações geradas nos mestrados em estudos amazônicos e no que se seguiu.

Gráfico 5. Dissertações de mestrado defendidas na temática de estudos amazônicos, entre 1992 e 2006 na Flacso, sede Equador



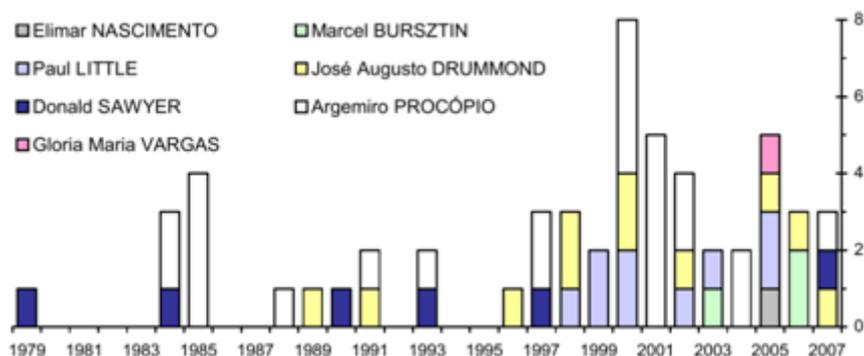
Fonte: Castro, 2011: 217.

## O Centro de Desenvolvimento Sustentável

O Centro de Desenvolvimento Sustentável foi criado em 1995, como uma unidade da Universidade de Brasília ligada à reitoria. O seu programa de doutorado passou a funcionar já no ano de 1996. O CDS é um centro que se beneficia de sua posição perto do centro de poder do país, e possui por isso uma capacidade de posicionamento mais assertiva nos temas em debate sobre as questões ambientais. Seu corpo docente possui a possibilidade de se tornar interlocutor de vários atores e tomadores de decisões, nas mais diversas esferas do Estado, por esse mesmo motivo.

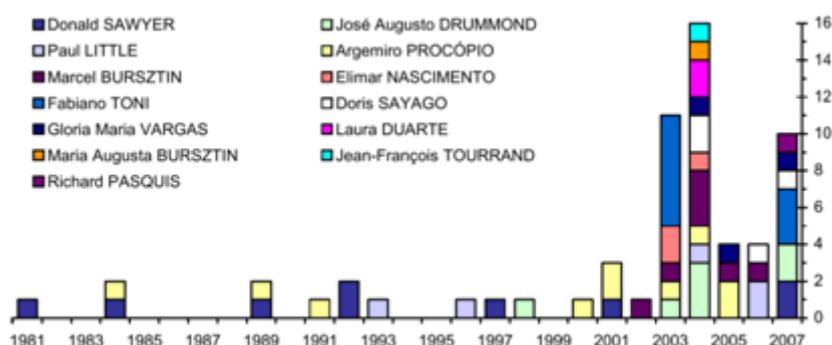
O CDS já surge com uma grande capacidade de produção de trabalhos e com um corpo docente com experiência de pesquisa na região amazônica, notadamente através da contribuição dos professores Donald Sawyer e Argemiro Procópio, em um primeiro momento. De tal forma que é uma instituição que possui um número constante de produção de teses e de dissertações sobre a região amazônica desde os seus primeiros anos de funcionamento.

Gráfico 6. Produção na área de estudos amazônicos, artigos científicos publicados por pesquisador/a, 1979 – 2007, CDS



Fonte: Castro, 2008: 146.

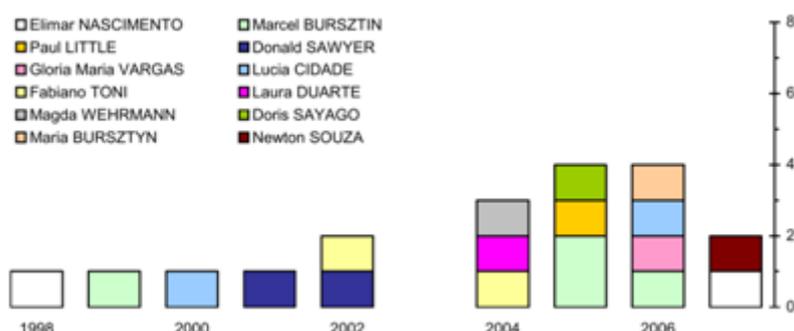
Gráfico 7. Produção na área de estudos amazônicos, capítulos de livro publicados por pesquisador/a, 1981 – 2007, CDS



Fonte: Castro, 2008: 147.

A produção desse centro aborda temáticas múltiplas e fortemente focadas na atualidade, tanto dos processos de transformação territorial, quanto em noções teóricas em voga, quanto na previsão dos grandes temas que virão a ser tratados. Nos quatro gráficos, vemos dados quantitativos relativos à produção acadêmica desse centro sobre a nossa temática.

Gráfico 8. Produção na área de estudos amazônicos, teses defendidas por orientador/a, 1998 – 2007, CDS



Fonte: Castro, 2008: 181.

## CONCLUSÃO

Este trabalho é fruto de um esforço para dar visibilidade à produção científica em uma área específica, essencialmente multidisciplinar do conhecimento, o campo dos Estudos Amazônicos. Apesar do aumento do interesse que conhecemos por esse campo, é necessário inseri-lo, para analisá-lo, no processo de crescimento das atividades científicas como um todo, tanto em nível global quanto nacional.

O traço que unifica aparentemente a produção nesse campo são as consequências locais do avanço dos principais vetores do desmatamento sobre a região amazônica. Afinal de contas, essa ciência não foi aquela acionada para sustentar a definição do processo de transformação do território amazônico, com seu planejamento, método de operação e objetivos claramente definidos.

Ao contrário, cabe perguntar se, diante de seu objeto, não teriam essas humanidades e ciências sociais se tornado ciências militantes? No sentido muito concreto de que, no trabalho de pesquisa, em contato com a dura realidade que as ações do estado geraram, elas refletiram as tragédias deixadas por essas mesmas políticas. Deixa-se a hipótese para outros trabalhos futuros, de que foi, sobretudo, pela busca em retratar os diferentes choques criados por políticas de desenvolvimento econômico e pela inserção forçada de parte da região amazônica à região sudestina que fez com que os estudos amazônicos se conformassem enquanto campo de interesse científico específico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, B. Síntese da produção científica em ciências humanas na Amazônia. In B. BECKER et al. (Org.) *Dimensões humanas da biosfera-atmosfera na Amazônia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, pp. 13-37, 2007.

BORNMANN, L. and MUTZ, R. Growth Rates of Modern Science: A Bibliometric Analysis Based on the Number of Publications and Cited References. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 66, n. 11, 2215–2222, 2015.

BORNMANN, L., WAGNER, C. and LEYDESDORFF, L. BRICS Countries and Scientific Excellence: A Bibliometric Analysis of Most Frequently Cited Papers. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 66, n. 7, 1507–1513, 2015.

BRAGA, T. L. C. and COSTA, A. C. Amazônia em pedaços: discursos sobre a divisão do Pará no jornal Correio do Tocantins. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 15, n. 1, 2020.

CARVALHO, J. F. Energia e sociedade. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 28, n. 82, 2014.

CASTRO, C. P. Uma Perspectiva Latino-Americana Sobre Os Estudos Amazônicos. In L. C. Ferreira (Ed.), *A Questão Ambiental Na América Latina: teoria social e interdisciplinaridade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2011.

CASTRO, C. P. *O encontro de Apolo com a floresta: ciências sociais, ocidentalização do mundo e Amazônia*. 218 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

CASTRO, C. P. Hydropower and the geopolitics of renewable energies in the Amazon Basin. *Ambiente & Sociedade*, v. 24, n. 1 2021.

COSTA, F. A. *Ciência, tecnologia e sociedade na Amazônia. Questões para o desenvolvimento sustentável*. Belém: Cejup, 1998.

CUNHA, M. C. and ALMEIDA, M. W. Indigenous People, Traditional People, and Conservation in the Amazon. *Daedalus*, 129(2), 315–38, 2000.

FERNÁNDEZ-CANO, A., et al. Reconsidering Price's Model of Scientific Growth: An Overview. *Scientometrics*, v. 61, n. 3, 301–21, 2004.

FIGUEIREDO, M. F. O financiamento das ciências sociais: a estratégia de fomento da Fundação Ford e da FINEP, 1966-1985. *BIB: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, n. 26, p. 38-55, 1988.

GOMES, C. V., et al. Extractive Reserves in the Brazilian Amazon Thirty Years after Chico Mendes: Social Movement Achievements, Territorial Expansion and Continuing Struggles. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 48, n. 1, 2018.

HECHT, S. B. The New Amazon Geographies: Insurgent Citizenship, 'Amazon Nation' and the Politics of Environmentalisms. *Journal of Cultural Geography*, v. 28, n. 1, 203–23, 2011.

JANG, Y. S. The Worldwide Founding of Ministries of Science and Technology, 1950-1990. *Sociological Perspectives*, v.43, n. 2, 247-270, 2000.

MALHADO, A. C. M., et al. Geographic and Temporal Trends in Amazonian Knowledge Production. *Biotropica*, v. 46, n. 1, 6-13, 2014.

NEVES, C. E. Brazilian experiences in building research capacity. In M. MOLLIS and M. NUSSBAUM (Ed.). *Research and Higher Education Policies for Transforming Societies: Perspectives from Latin America and the Caribbean* (pp. 95-118). Paris: Unesco, 2007.

NOBRE, C. A., et al. Land-Use and Climate Change Risks in the Amazon and the Need of a Novel Sustainable Development Paradigm. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 113, n. 39, 10759-68, 2016.

PARKER, J. N., et al. Characterizing a Scientific Elite: The Social Characteristics of the Most Highly Cited Scientists in Environmental Science and Ecology. *Scientometrics*, v. 85, n. 1, 129-43, 2010.

PRICE, D. S. A General Theory of Bibliometric and Other Cumulative Advantage Processes. *Journal of the American Society for Information Science*, 27(5-6), 292-30, 1976.

RUOTSALAINEN, J. et. al. Culture, values, lifestyles, and power in energy futures: A critical peer-to-peer vision for renewable energy. *Energy Research & Social Science*, v. 34, p. 231-239, 2017.

VAN LEEUWEN, T. Strength and Weakness of National Science Systems: A Bibliometric Analysis through Cooperation Patterns. *Scientometrics*, 79 (2), 389-408, 2009.

UNESCO. *Statistical yearbook*. Paris, UNESCO Publications, 1995.

ZHANG, L.; POWELL, J., BAKER, D. Exponential Growth and the Shifting Global Center of Gravity of Science Production, 1900-2011, in: *Change: The Magazine of Higher Learning*, v. 47, n. 4, pp. 46-49, 2015.

ZHOURI, A. Global-Local Amazon Politics: Conflicting Paradigms in the Rainforest Campaign. *Theory, Culture & Society*, 21(2), 69-89, 2004.